

EDUCAÇÃO E EXPERIÊNCIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO HOMEM NA PERSPECTIVA DOS CLÁSSICOS

Luzianne dos Santos¹
Rafaela Fraga Vilar²
Vera Maria dos Santos³

RESUMO

O presente artigo é fruto de estudos e discussões realizadas na disciplina Teorias Educacionais do curso de doutorado em Educação da Universidade Tiradentes – Aracaju/SE. O objetivo foi apreender as diferentes noções de educação e experiência apresentada nas obras de João Amós Comenius - Didática Magna (1649), Jean Jaques Rousseau - Emílio ou da Educação (1762), Jonh Locke na - Ensaio Acerca do Entendimento Humano (1690) e Jonh Dewey - Vida e Educação (1954). A partir da leitura e a análise das obras mencionadas foi possível perceber que a educação e a experiência são tidas como elementos fundamentais para a formação do homem, no entanto cada um dos autores apresenta a sua concepção em fundamentos e pontos de partida distintos, mas não desprezando a experiência no processo de formação/ educação do homem.

Palavras-chave: Educação. Experiência. Homem. Formação.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de discussões realizadas na disciplina Teorias Educacionais do curso de doutorado em Educação da Universidade Tiradentes/SE, onde foram discutidas obras de clássicos da Educação e dentre elas foram escolhidas quatro para serem aqui estudadas, com o objetivo de apreender as diferentes noções de educação e experiência e a sua influência na educação para a formação do homem. Diante disso surgiu a seguinte inquietação: como a experiência contribui para o processo de formação do homem?

Para responder a tal inquietação tomarei como base a noção experiência e de educação apresentada por João Amós Comenius em sua obra Didática Magna (1649), Jean Jaques Rousseau em sua obra Emílio ou da Educação (1762), Jonh Locke na obra Ensaio Acerca do Entendimento Humano (1690), Jonh Dewey na obra Vida e Educação (1954). Para tanto

¹ Mestra e doutoranda em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Tiradentes. É membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação, História e Memória- GPSEHM. Email: luziannesantos@hotmail.com.br

² Mestranda em Educação e graduada em Licenciatura em História pela Universidade Tiradentes e integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade: Sujeitos e Práticas Educativas. E-mail: rafaela_fraga@hotmail.com

³ Professora do Programa de pós-graduação em educação/UNIT; autora dos livros didáticos das disciplinas (História do Pensamento Geográfico, Geografia e Filosofia e Geografia de Sergipe), para o ensino da Educação a distância da UAB/UFS. Vice-líder e coordenadora da linha 1, do grupo de pesquisa, Educação e Sociedade: sujeitos e práticas educativas. Email: veramstos@yahoo.com.br

apresento aqui a síntese da vida e obra de cada uma dos teóricos acima citadas para melhor compreensão das discussões apresentadas por cada um deles.

João Amós Comenius (1592-1690) é considerado o primeiro grande nome da moderna história da educação tem em sua obra mais conhecida, a Didática Magna, um tratado em que apresenta como as escolas deveriam seguir no processo de ensino e de aprendizagem. A arte universal de ensinar tudo a todos proposta pelo pensador partia do princípio de que não era necessário que todos tivessem um conhecimento acabado de tudo, mas que conhecessem um pouco de cada coisa. Nesse sentido o ensino devia ser gradual começando com ensinamentos elementares e só depois seriam introduzidos conhecimentos mais elaborados e aprofundados. Nota-se aqui a preocupação com a gradualidade, aprender aos poucos e no tempo certo.

Tais necessidades se faziam imprescindíveis em resposta aos desafios sociais e educacionais do século XVII, em que se vivia a passagem da Idade Média para a Idade Moderna. A proposta pedagógica de Comenius se alicerça nos conceitos de instrução, costumes e religião apresentados por ele logo ao anunciar as primeiras ideias em seu tratado.

Para tanto o autor tomou fontes para sua proposta e método dois elementos: a natureza e a tipografia. Através da observação da natureza o autor ao longo da sua obra justifica inúmeros das suas disposições sobre a arte de ensinar. Num segundo momento elege a tipografia sendo esta a responsável pela possibilidade de disseminação de conhecimento que ela representava, criando ele mesmo a expressão "didacografia" para designar o método universal de ensino que ele pretendia inaugurar.

De forma sucinta o pensador revela de forma racional e todas as ações educativas, indo da teoria didática até as questões do cotidiano da sala de aula. O professor passaria a ser visto não mais como um missionário e suas atividades deveriam ser organizadas levando-se em consideração o tempo e o currículo.

Dando continuidade ao estudo, apresento a partir daqui as contribuições da pedagogia do pensador Jean-Jacques Rousseau (1712 -1778). A sua pedagogia fazia uso de práticas que atendiam as necessidades de doutrinação, disciplina, aprendizagem própria de cada sexo, conhecimentos que auxiliariam o indivíduo no ingresso ao mundo adulto.

A obra de Rousseau apresenta uma nova proposta de educação, enfatizando a necessidade da autonomia do educando. A partir de tal ideia cria então um personagem, Emílio, com o qual o pensador idealiza o seu tratado de acordo com as fases e necessidades do seu aluno imaginário. Assim o processo de formação do indivíduo deveria respeitar cada uma das fases da vida sendo cada uma delas responsável por um "tipo de aprendizagem".

Na concepção do autor o princípio fundamental da boa educação é fomentar na criança o prazer de amar as ciências e seus métodos. Aos professores cabiam incitar esses sentimentos. Em *Emílio ou Da Educação*, Rousseau nos faz pensar e refletir sobre a infância, considerada por ele como o lugar, ou momento do desenvolvimento, em que se pode identificar o ser humano no seu modo de ser mais natural.

Para Rousseau, existem três tipos de educação: a da natureza, a dos homens e a das coisas. A partir dessa classificação, ele afirma que além desses tipos de educação serem tratadas de modo diferente, elas se contrapõem. Assim a sua proposta é fazer com que não exista essa oposição. O mesmo explica ainda, que a educação da natureza aborda o desenvolvimento do homem de forma interna, a educação do homem, por sua vez, faz uso desse desenvolvimento por toda a vida e educação das coisas trata do ganho sobre as experiências. A união dessas três formas seria o modelo ideal de educação para o autor.

A obra “Ensaio acerca do entendimento humano” é de autoria do filósofo John Locke (1632-1704). Esta obra apresenta um discurso que em síntese versa acerca das capacidades humanas, algo que segundo ele é nato do homem. Desta forma, contrapondo-se a existência de ideias inatas o autor ao longo do seu tratado defende a experiência individual e a natureza como fonte de todo o conhecimento.

Impondo-se ao inatismo, Locke resistia às correntes de pensamento vigentes que encontravam no ser humano a imagem e semelhança divina e as noções de moral ou bondade intrínsecas, sendo a educação uma ferramenta para a salvação. O autor defende ao longo dos capítulos os mecanismos e os limites da capacidade de apreensão considerando que todo conhecimento advém, dos sentidos. Defende ainda a ideia que a mente humana é um papel em branco à espera de inscrições e experiência.

A leitura trata de forma significativa, especialmente no livro da distinção entre conhecimento e opinião, apontando que o conhecimento nada mais é que “Se há percepção, há conhecimento; do contrário não há conhecimento, apesar de nossa imaginação, opinião ou crença” (LOCKE, 1983, p. 575). Para ele não podem existir ideias que não sejam vivenciadas pela experiência.

Em 1930, Anísio Teixeira traduz dois estudos de John Dewey (1859- 1952) reunidos no livro *Vida e Educação*, e já na introdução escreve uma síntese sobre a teoria da experiência. Anísio Teixeira foi um grande divulgador das ideias de Dewey e como inspetor da Instrução Pública do Distrito Federal, procura, colocar em prática as propostas de Dewey para a educação.

Em sua obra *Vida e Educação*, Dewey criticou o conhecimento escolar concebido como uma forma simplificada e organizada baseada apenas na estrutura lógica da ciência de

referência. Ele entendia que o valor dos conhecimentos sistematizados na escola estava na possibilidade de o educador determinar o ambiente necessário à criança e dirigir a sua atividade mental sendo um mediador do conhecimento e da experiência. Para o autor o conceito de educação só pode ser pensado a partir do de experiência entendida por ele como uma ação interativa.

Assim, o papel da escola é estimular as mais distintas atividades, a fim de que o ato de aprender seja compreendido como uma possibilidade de participação que reajuste o indivíduo ao meio, em função dos estímulos e desafios da própria atividade. Dessa maneira, acreditava que a educação despertaria nos alunos a capacidade de raciocínio e o aperfeiçoamento do espírito crítico.

Diante disso, etapa por etapa, os sujeitos ganhariam experiência que seria aumentada em função da participação, da troca, da partilha e, naturalmente, todas as questões de estudo sendo problematizadas, debatidas, discutidas, contextualizadas e jamais isoladamente. Esta atitude seria, indiscutivelmente, o mais acertado caminho para a construção de fazeres e a ampliação dos saberes. Em tudo o que expôs ao mundo, Dewey se mostrou original e inovador, valorizando, principalmente, o pensar.

A seguir discutiremos os conceitos de Educação e experiência de acordo com a visão de Comenius, Rousseau Locke e Dewey.

2 Educação e experiência: o que dizem os clássicos?

Como já fora anunciado a educação e experiência são dois elementos discutidos nas obras dos quatro teóricos escolhidos para trabalhar nesse estudo.

Em se tratando de educação Comenius (2002, p. 55), compreende-a como “[...] todo conhecimento das coisas, das artes e das línguas” Diante de tal noção a educação é entendida como a base para a existência do indivíduo “Fique estabelecido, pois, que a todos os que nasceram homens a educação é necessária, para que sejam homens e não animais ferozes, não animais brutos, não paus inúteis.” (Comenius, 2002, p. 76). Para tanto, nos escritos do autor a escola é apresentada como uma das principais bases da sociedade, o fundamento da formação homem, assim:

Se, portanto, queremos Igrejas e Estados bem ordenados e florescentes e boas administrações, primeiro que tudo ordenemos as escolas e façamo-las florescer, a fim de que sejam verdadeiras e vivas oficinas de homens e viveiros eclesiásticos, políticos e econômicos. Assim facilmente atingiremos o nosso objetivo; doutro modo, nunca o atingiremos. (COMENIUS, 2002, p.71).

A sua proposta para a educação está voltada para a infância pré-escolar, concebendo que a educação é a forma de humanizar o homem, de fazê-lo passar de um estado bruto para o de ser humano propriamente, “convém formar o homem, se ele deve ser homem” (Comenius, 2002, p.55). O aprender a ser humano inclui o aprender a pensar por si, pois para

Que todos se formem com uma instrução não aparente, mas verdadeira, não superficial, mas sólida; ou seja, que o homem, enquanto animal racional, se habitue a deixar-se guiar, não pela razão dos outros, mas pela sua, e não apenas a ler nos livros e a entender, ou ainda a reter e a recitar de cor as opiniões dos outros, mas a penetrar por si mesmo até o âmago das próprias coisas e a tirar delas os conhecimentos genuínos e utilidade (COMENIUS, 2002, p.164).

De acordo com ele a formação do homem, deve começar na primeira idade, o autor leva em consideração a semelhança de sua estrutura com a da natureza, bem como a da incerteza da vida, que é breve. Diante disso, “[...] a arte de ensinar não exige mais que uma disposição tecnicamente bem feita do tempo, das coisas e do método”. (Comenius, 2002, p. 127).

No entanto é possível perceber que a aprendizagem está atrelada à uma forma de percepção do mundo que é o da admiração, ou seja, o da experiência que vai constituindo as formulações e significações, enfim há uma necessidade de que a criança, enquanto sujeito do conhecimento, vá tomando consciência do que existe ao ser redor e comece a constituir as razões pelas quais as coisas se fundamentam.

Em síntese, para Comenius a educação é necessária na formação do homem para que “sejam homens e não animais ferozes, não animais brutos, não paus inúteis”. Assim é preciso cuidar (aliás, garantir) para que ninguém no mundo jamais depare com alguma coisa que lhe seja tão desconhecida que não consiga sobre ela emitir um juízo moderado ou dela fazer um uso adequado, sem erros nocivos (Comenius, 1649).

Na visão de Jonh Locke o entendimento situa o homem acima dos outros seres sensíveis, e dá-lhe toda vantagem e domínio que tem sobre eles, consiste certamente num tópico, ainda que, por sua nobreza, merecedor de nosso trabalho de investigá-lo. Diante disso o autor compreende que a educação deveria construir um homem novo, civilizado, consciente e despregado do sobrenatural. Nesse sentido “[...] A educação certamente não é senão um hábito.” (Locke, 1983, p. 10).

“Para a objeção de que "os princípios inatos podem ser corrompidos", respondo. Não será este o momento para abordar esta resposta consagrada, mas não muito material, que assegura que os princípios inatos de moralidade” (LOCKE, 1983, p. 48).

Diante disso na visão de Locke o homem nasce como se fosse uma “folha em branco” que vai sendo preenchida no decorrer da vida de acordo com as experiências, e de acordo com ele “[...] Nem todas as coisas atingem a imaginação de cada um da mesma maneira.” (Locke, 1983, p.10). O autor acrescenta ainda que “[...] as lições vinham das próprias coisas”. (Locke, 1983, p.139). É a partir das experiências que o indivíduo é educado/formado, “todo o nosso conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento”.

Para entender melhor a natureza, a maneira e a extensão de nosso conhecimento, deve ser cuidadosamente observado que algumas de nossas ideias são simples e outras complexas. (...) Estas ideias simples, os materiais de todo o nosso conhecimento, são sugeridas ou fornecidas a mente unicamente pelas duas vias (...): sensação e reflexão. (LOCKE 1983, p.164).

Desta forma as fontes de todo o conhecimento são a experiência e a reflexão. Locke defende também a importância da razão, mas a entende como um recurso, uma faculdade que como todas as demais faculdades do homem precisam ser mobilizadas em contato com a experiência sensível, ou seja, a realidade empírica, assim é a partir dessa interação que os conhecimentos começam a ser produzidos.

De acordo com John Locke a mente humana não possui nenhuma característica inata, todo conhecimento é resultado das experiências vividas, isto significa que nenhuma ideia pode estar contida na mente sem que seja a partir de princípios práticos. Desta forma, o autor pretende provar que a fonte do conhecimento não provém do inatismo.

Neste sentido, o autor compreende que o conhecimento é adquirido e, isso é prova que o conhecimento não é inato, pois a maneira adquirida já caracteriza que as ideias não são inatas. Assim sendo, não poderiam fazer parte da mente antes de serem aprendidas. Por fim, Locke faz uma crítica as ideias inatas a partir da compreensão que a mente não possui impressões de qualquer natureza ou pensamento.

Jean Jacques Rousseau pensou a educação como sendo,

[...] portanto a educação uma arte, torna-se quase impossível que alcance êxito total, porquanto a ação necessária a esse êxito não depende de ninguém. Tudo o que se pode fazer, à força de cuidados, é aproximar-se mais ou menos da meta, mas é preciso sorte para atingi-la. (ROUSSEAU, 1979, p. 11).

Nesse sentido a educação é pensada como um processo natural na vida do ser humano, no entanto “[...] A educação, a formação e a instrução, portanto, são três coisas tão diferentes no que se refere ao seu objeto quanto a governanta, o preceptor e o professor.” E a partir disso

a educação deveria construir um homem novo, civilizado, consciente e despregado do sobrenatural. O autor esclarece que:

“Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação” (ROUSSEAU, 1979, p. 12).

O autor define a educação como meio de formar homens, pois para ele “[...] Moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação.” (2002, p.8). Expõe também a ideia de que a criança é antes de tudo uma criança e critica o fato de se ver o indivíduo como homem, antes mesmo de considerá-lo em sua fase infantil. Para ele o que diferencia o homem de todas as outras coisas é a capacidade de raciocinar, de ser educado, de educar.

Nesse processo, Rousseau nos fala a respeito das experiências que adquirimos ao longo de nossa vida e que são decorridas dos objetos, a qual definiu como “educação das coisas” as quais estão presentes na natureza, no mundo, no ambiente, sendo essa a única de que somos realmente senhores.

Para Rousseau, então, a criança deve ser educada também pela experiência, ou seja, tudo o que ela puder experimentar para saber terá muita significância em seu aprendizado, ela deve ser um homem da natureza que lhe apresenta uma multiplicidade de coisas. Para ele as lições verbais, elas não são eficazes, o aluno deve receber lições da própria experiência. Explica que, a formação intelectual depende da realidade empírica e que somente assim o educando poderá conhecer o bem e o mal, e construir regras morais.

[...] assim, tomei o partido de tomar um aluno imaginário, de supor em mim a idade, a saúde, os conhecimentos e todos os talentos convenientes para trabalhar em sua educação e conduzi-la desde o momento do seu nascimento até que, já homem, já não precise de outra guia que não ele mesmo. (ROUSSEAU, 1979, p. 28).

Ao considerar que o homem nasce puro e a sociedade o corrompe, para tanto, ele se preocupou com o acompanhamento do indivíduo no decorrer da sua vida, uma vez que a educação dos homens prevê uma tarefa designada a alguém, “o preceptor” considerado o mentor que, acompanha o indivíduo desde o seu nascimento, protegendo-o, orientando-o e mantendo-o longe da sociedade, para que não seja corrompido.

Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica ou à advocacia pouco me importa. Antes da vocação dos pais a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais que o destino o

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

faça mudar de situação ele estará sempre em seu lugar. (ROUSSEAU, 1979, p. 15).

Assim o preceptor deve apresentá-lo à sociedade quando este aluno já estiver apto e não se contaminar com suas paixões. Diante disso a função do preceptor é a de formar o aluno ao longo de sua vida.

Rousseau compreende o gênero humano como a mais bela obra de arte da Natureza porque nele estão as implícitas marcas universais do Belo. Nesse sentido toda ação formativa deve ter em vista realçar essas marcas e trabalhar negativamente no sentido de evitar sua degradação:

Meu principal objetivo, ensinando-lhe a sentir e amar o belo em todos os gêneros é de nele fixar suas afeições e seus gostos, e impedir que suas tendências naturais se alterem e que ele busque um dia, em sua riqueza, os meios de ser feliz, que deve encontrar perto dele. (ROUSSEAU, 1979, p. 400).

Cultivar ao estado natural e formar o homem conforme o atributo da natureza começa a partir do nascimento e se prolonga por toda a vida. No entanto, a família, sobretudo na pessoa dos pais, tem a responsabilidade de bem conduzir o relacionamento inicial com o meio (pessoas, natureza). Para isso é necessário observar a regra da natureza e o caminho que ela indica.

Como já mencionado em parágrafos anteriores, Rousseau elencou três tipos de educação: a da natureza, a dos homens e a das coisas. A partir dessa classificação, Rousseau afirma que além desses tipos de educação serem tratadas de modo diferente, elas se contrapõem. A sua proposta é fazer com que não exista essa oposição. O autor explica ainda, que a educação da natureza aborda o desenvolvimento do homem de forma interna, a educação do homem, por sua vez, faz uso desse desenvolvimento por toda a vida e educação das coisas trata do ganho sobre as experiências. A união dessas três formas seria o modelo ideal de educação para o autor.

Na visão de Dewey a educação “[...] Educação é vida e não preparação para a vida” (Dewey, 1954, p. 13). A noção de educação proposta por John Dewey nos leva a compreender a educação como base para a vida e formação do homem, o autor acrescenta ainda que a educação é

“[...] o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras” (DEWEY, 1954, p. 17).

Diante disso a experiência é entendida como uma fase da natureza, pela qual ocorre a interação entre o ser e o ambiente e estes são modificados. Nesse sentido a educação não seria

um processo de preparo para a vida, mas uma contínua reconstrução e reorganização da experiência (Teixeira, 1978). Para Dewey,

A crença de que toda autêntica educação se efetua mediante a experiência não significa que todas as experiências são verdadeiras ou igualmente educativas. A experiência e a educação não podem ser diretamente equiparadas uma a outra. (DEWEY, 1954, p.22)

Ele também destacou a importância das matérias de estudo e da ininterrupção da experiência:

[...] a experiência, para ser educativa, deve conduzir a um mundo expansivo de matérias de estudo, constituídas por fatos ou informações, e de ideias. Esta condição somente é satisfeita quando o educador considera o ensino e a aprendizagem como um processo contínuo de reconstrução da experiência (DEWEY, 1954, p. 118).

É com o intuito de romper com o dualismo existente entre empirismo e racionalismo, que o autor rebate essa noção de experiência, a qual se refere ao conhecimento acumulado ao longo do tempo. A experiência não se limita ao ato no presente, mas também remonta ao que foi aprendido no passado e se reporta ao futuro para se aprimorar a inteligência quando existe algum problema. Para tanto, o eixo central para Dewey não é o sujeito nem o objeto, nem a natureza ou o espírito, e sim as relações entre eles: a experiência significa integração. As ideias e os fatos não existem fora da experiência (DEWEY, 1954). O autor acrescenta ainda que o “[...] agir sobre outro corpo e sofrer de outro corpo uma reação é, em seus próprios termos, o que chamamos de *experiência*” (1954, p. 13).

Em síntese na concepção Dewey a educação era um processo contínuo de investigação, que se originava com problemas reais de interesse para o aluno, e estes ao serem solucionados geravam novo conhecimento útil para orientar nova investigação, pois a educação visa manter e renovar a comunidade, operando a transmissão da experiência e a reconstrução de práticas e valores coletivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto no decorrer do texto é notória as diversas contribuições dos autores estudados para o processo educacional que vem sendo desenvolvido há longas datas e que sem dúvida é responsável pela manutenção e aperfeiçoamento do estilo de vida das diversas sociedades existentes.

Reconhecer a importância da educação na formação do homem é tarefa imprescindível no sentido de valorização e dedicação para os avanços e transformações necessárias nesse processo, objetivando cada vez mais melhorar a qualidade de vida na sociedade. Assim, apreender as concepções de educação e experiência de pensadores como Comenius, Rousseau, Locke e Dewey significa uma oportunidade de repensar conceitos e métodos necessários para a educação em diferentes contextos e possibilitar novas teorias e práticas para a educação na atualidade.

Portanto, a grande contribuição de estudos como esse, está no fato de retomar os conceitos e elementos ligados à educação através dos processos históricos tão necessários para a compreensão e reelaboração dos processos educativos do presente e do futuro. Pensar a educação é uma atividade que deve ser constante, e o legado intelectual deixado por estudiosos como Comenius, Rousseau, Locke e Dewey constitui o ponto de partida para novos estudos e descobertas relacionadas à educação e seus diferentes agentes. Dessa forma, convidamos os leitores a se aprofundar na temática e contribuir ainda mais com o processo educativo.

REFERÊNCIAS

COMENIUS, John. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. Tradução: Anísio S. Teixeira. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Rio de Janeiro – São Paulo: Difel, 1979.

TEIXEIRA, Anísio S. A Pedagogia de Dewey. In: DEWEY, John. Vida e educação. Tradução e estudo preliminar por Anísio S. Teixeira. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978. 113 p.